

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**

**ANGELA SANTOS DA FONSECA**

**INCLUSÃO DIGITAL E SUAS POSSIBILIDADES**

FLORIANÓPOLIS  
2016

ANGELA SANTOS DA FONSECA

## **INCLUSÃO DIGITAL E SUAS POSSIBILIDADES**

Monografia apresentada ao curso de Pós-graduação em nível de Especialização em Educação na Cultura Digital da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Educação na Cultura Digital.

Orientador: Prof. Dr. Jason Lima e Silva

FLORIANÓPOLIS  
2016

## **AGRADECIMENTOS**

À comunidade escolar pelo incentivo e participação.

Às minhas filhas Livia e Luiza pela paciência com as minhas ausências.

Ao meu professor orientador, Jason Lima e Silva, por compartilhar seu conhecimento.

À equipe do curso de Especialização em Educação na Cultura Digital da UFSC pelo apoio constante.

Às minhas amigas, que gentilmente revisaram esta monografia, Alessandra Cristina Oliveira da Silva e Izabel Cristina Mendes.

Para  
Jorge Nascimento Junior,  
por me fazer ver *al di là*

**RESUMO**

A reflexão filosófica proporciona possibilidades de uma grande mutação escolar, dinâmica, transformadora; permite novas estratégias dentre as práticas docentes. A inclusão digital demonstra a invisibilidade social de certos grupos que fazem parte do contingente escolar catarinense. Esta monografia traz experiências interdisciplinares em sala de aula, incluindo a temática da pessoa com deficiência neste mundo digital. Faz uma análise sobre algumas diferenças entre as escolas públicas e privadas acerca da cultura digital, valorização e incentivo aos profissionais e tecnologias. Traz resultados e aprendizagens do decorrer de todo o processo, desde o início da especialização até as conclusões finais, ferramentas e tecnologias inseridas nas atividades de sala de aula, *facebook*, *prezi*, transmídia, metalinguagem, *google drive*. Ressalta aspectos positivos e negativos das inovações na escola. Fala sobre o tempo e sobre outro olhar para o(a) profissional da área da educação, que se permite ousar e inovar utilizando o que tem à disposição. Este trabalho é fruto de conversas, reuniões pedagógicas e encontros em Florianópolis com a equipe docente do curso e todos(as) que pensam diferente e sonham com um mundo mais igualitário. As leituras do passado conversam incessantemente com o presente e promovem uma releitura da filosofia, além de destacar a interdisciplinaridade nos planejamentos escolares. Por fim demonstra a intensa participação da educação no futuro dos jovens e a grande responsabilidade do(a) profissional formador(a) nesta nova era inserida na cultura digital.

**Palavras-chave:** filosofia; inclusão; cultura digital; interdisciplinaridade.

**ABSTRACT**

Philosophical reflection provides possibilities of a great school changing, dynamic, transforming; it allows new strategies among the teaching practices. Digital inclusion demonstrates the social invisibility of certain groups that are part of this school contingent from Santa Catarina. This monograph brings interdisciplinary experiences in the classroom, including the disabled person theme in this digital world. Reflects on some differences between private and public schools on digital culture, appreciation and encouragement to professionals and technologies. Brings results and learning on the entire process, from the beginning of specialization to the final conclusions, tools and embedded technology in the classroom activities, *facebook*, *prezi*, transmedia, metalanguage, google drive. Emphasizes positive and negative aspects of innovations at school. Discusses about time and about another look at the professional in education area, which allows daring and innovating using what is available. This work is the result of conversations, educational reunions and meetings at Florianopolis with the teaching staff of the course and everyone who thinks differently and dream of a more equitable world. The last readings talk incessantly with the present and promote a rereading of philosophy, in addition to improve the interdisciplinary on school planning. Finally demonstrates the intense participation of education in the future of young people and the great responsibility of professional trainer inserted in this new digital culture.

**Keywords:** philosophy, inclusion, digital culture, interdisciplinarity.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2 PONTO DE MUTAÇÃO ESCOLAR.....</b>	<b>10</b>
2.1 INOVAÇÃO NA ESCOLA.....	13
<b>3 PROJETOS INTERDISCIPLINARES.....</b>	<b>17</b>
3.1 TECNOLOGIAS E SEU USO EM SALA DE AULA.....	20
<b>4 ESCOLAS PÚBLICAS E PRIVADAS.....</b>	<b>21</b>
4.1 TEMPO.....	22
4.2 OUTRO OLHAR .....	24
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>27</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>30</b>

## INTRODUÇÃO

Para o(a) profissional da educação, cada ano que inicia é uma nova oportunidade para significar algo na vida de seus(uas) alunos(as). Pode parecer pouca coisa, mas a atividade docente é de grande responsabilidade. Recebemos jovens e crianças com as mais diferentes características, mas todos(as) com anseio de conhecer.

No ano letivo 2014, tive a oportunidade de conhecer um desses jovens e posso afirmar o quanto significou para minha trajetória, pois percebi, naquele momento, que deveria tratar do tema inclusão — especificamente a inclusão de alunos com deficiência — na Escola de Educação Básica Adelaide Konder, unidade escolar estadual, localizada no bairro Machados em Navegantes, próximo à BR-470, que dá acesso a outras cidades do estado e bem perto da balsa que faz ligação com a cidade de Itajaí, com um quadro de aproximadamente 60 professores(as) e funcionários(as).

Entendo que é fundamental a prática de atividades que considerem a importância da interdisciplinaridade como “uma filosofia de trabalho [...] nunca completamente alcançado e por isso deve ser permanentemente buscado.” (SANTOMÉ, 1998, p. 65). Concordo com Ivani Fazenda (2011, p. 94) quando ela diz que, além da interação entre teoria e prática, é necessário “que se estabeleça um treino constante no trabalho interdisciplinar, pois interdisciplinaridade não se ensina, nem se aprende, apenas vive-se, exerce-se”.

Interdisciplinaridade exige um engajamento pessoal de cada um. Todo indivíduo engajado nesse processo será não o aprendiz, mas, na medida em que familiarizar-se com as técnicas e quesitos básicos, o criador de novas estruturas, novos conteúdos, novos métodos, será motor de transformação ou o iniciador de uma “feliz liberação” (FAZENDA, 2011, p. 94).

A inovação na escola passa pelas aulas interdisciplinares, no planejamento e execução de projetos que atendam a esta nova demanda de jovens inseridos em uma cultura digital.

Conhecer as limitações desses alunos e alunas para respeitar as diferenças, valorizar esses jovens, em muitos momentos esquecidos por nossa sociedade, foi o primeiro passo; escutar as narrativas, valorizar o que eles traziam, seus saberes.

Em meu projeto de pesquisa, estive centrada na experiência com a escola pública, delimitando as análises de minha observação. Estudei as novas possibilidades de inserção de tecnologias sem perder o que a filosofia, em seus alicerces construídos desde a Grécia antiga, ensinou-me. Como nos fala Martha Gabriel (2013, p. 9), “nenhuma tecnologia é neutra, sendo certo que elas sempre afetam a humanidade em algum grau”. Pude comparar a minha atividade docente na escola privada em comparação com a escola pública, baseada em dados empíricos vivenciados por mim.

Lembro ainda a experiência de visionários como Steve Jobs, sonhando com um computador que realizasse o papel de professor(a) dentro de um contexto bem pertinente nos dias atuais. Em 2016, alunos(as) recorrem ao *youtube* para aprender o que não conseguem entender em sala de aula, em contrapartida alunos(as) da escola pública que trabalham no período que não estão na escola não possuem tempo para estudar ou fazer atividades e trabalhos desenvolvidos na escola.

Como não poderia deixar de ser, em um cenário diferente surgem novas relações com o conhecimento. Passou a ser possível saber sobre qualquer assunto a qualquer hora e em qualquer lugar. Não é preciso esperar a biblioteca abrir ou encontrar um professor na escola ou algum especialista disponível para obter a resposta a alguma pergunta (PAPERT apud SILVA, 2013, p. 139).

Talvez essas mudanças tenham nos surpreendido, pois nem percebemos e já estamos numa sociedade muito tecnológica, ainda cheia de desigualdades e contrastes, mas ainda sim em rede. Afinal, o tempo é inexorável, sem perceber vai passando e muitas vezes repetimos os mesmos padrões de outros tempos.

Neste trabalho, falarei um pouco mais sobre algumas experiências vivenciadas em sala de aula. Espero continuar sempre a trabalhar a inclusão digital nas escolas, assim como trabalhar em rede, numa teia interdisciplinar.

## 2 PONTO DE MUTAÇÃO ESCOLAR

No século XXI estamos inseridos num mundo tecnológico, características de uma nova geração: suas linguagens, seus perfis, interação virtual, redes sociais, mudam muito rápido e quase atropelando as gerações passadas.

Estamos passando por um período de transição nas escolas. No último ano letivo, em 2015, e em anos anteriores, as escolas receberam inovações tecnológicas que possibilitaram um novo modo de pensar a educação. No passado, o giz, o quadro, os cadernos e os livros eram as únicas opções para a atividade docente. Bibliotecas e mimeógrafos podiam ser utilizados também. Hoje as escolas dispõem de internet, computadores, lousas digitais, televisão, aparelho de DVD, máquinas fotográficas, tabletes, notebooks, aparelho de som, uma gama de tecnologias inseridas na comunidade escolar.

Segundo Manuel Castells (2000, p. 413), em sua obra “Sociedade em rede”, “por volta do ano 700 a.C. ocorreu um importante invento na Grécia: o alfabeto [...] tornou possível o preenchimento da lacuna entre o discurso oral e o escrito [...] possibilitando o discurso conceitual”. A invenção do alfabeto não trouxe evolução para todas as pessoas; apenas cidadãos pertencentes a classes privilegiadas conseguiam acesso aos livros. Mesmo depois, na Idade Média, o conhecimento estava restrito a certas classes, e o audiovisual estava na esfera das artes, com a música, pintura, dança, teatro. Somente muitos séculos depois é que a sociedade pôde apropriar-se desse conhecimento e alfabetizar-se.

Com o advento da imprensa, os livros puderam ser distribuídos e a escrita passou a desempenhar um papel importantíssimo na propagação dos conhecimentos. Mesmo assim, no Brasil, ainda registramos alto índice de analfabetismo, sem falar dos analfabetos funcionais.

Ainda conforme Castells (2000, p. 414), “uma transformação tecnológica, de dimensões históricas similares está a ocorrer 2700 anos depois”, integrando, numa rede interativa e num mesmo sistema, as comunicações escrita, oral e audiovisual. A comunicação humana impactou-se profundamente, mas teremos em nossa sociedade a capacidade para usufruir de todas essas novas possibilidades?

Jovens ansiosos(as) por novidades tecnológicas e maravilhados(as) com a comunicação, tendo surgido novas profissões, *vloggers*, *youtubers*, e ao mesmo tempo uma maior dificuldade em comunicação e verbalização de ideias, em sala de aula as dificuldades para apresentação de trabalhos ou enfrentar problemas com os grupos formados em sala, salienta o surgimento de uma nova juventude, muita informação e pouco conhecimento, desenvolvimento de determinadas técnicas e pouca educação.

Vivemos em uma nova era digital, conectados em redes. Comunicamo-nos, das salas de aula, com pessoas que estão fora dos muros da escola, em tempo real, ou também podemos ter acesso a vídeos autoexplicativos acerca de quaisquer assuntos sobre os quais tenhamos dúvidas. Da mesma forma existe um conteúdo inimaginável numa rede acessada mundialmente, chamada *deepweb*.

No decorrer do ano letivo de 2014, tive a oportunidade de iniciar o curso de Especialização em Educação na Cultura Digital, fruto de parceria entre a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e o Ministério da Educação, quando comecei a estudar mais a fundo essas novas possibilidades digitais.

Logo no início do curso realizei um projeto muito gostoso, acabou gerando a gravação de um webcomentário com a equipe Lantec – Laboratório de Novas Tecnologias, o título foi *Cyberbullying* e começou com uma ideia em sala de aula para que fizéssemos uma paródia de uma canção no intuito de promover a reflexão acerca dos crimes cibernéticos, recorrentes na sociedade, infelizmente comuns em nosso cotidiano. A equipe encarregada de compor a letra foi para a sala de informática, os alunos começaram a ensaiar a melodia com o violão e um grupo de meninas fez uma página no facebook para que as vítimas de crimes virtuais pudessem falar sem a necessidade de identificação, a repercussão foi bem positiva, consegui levar para outras escolas, e até num grupo de estudos sobre educação na cultura digital.

Fritjof Capra (1982), em sua obra “O ponto de mutação”, fala acerca dos momentos de transição na humanidade, os quais, embora sejam de grande confusão e crise, podem conduzir a uma era mais harmônica para a sociedade. Para explicitar, trago o exemplo de Sigmund Freud apresentado por Capra. O autor acentua que a crise médica do saber psiquiátrico foi a condição de possibilidade para o nascimento de um novo saber, a psicanálise.

A contribuição de Freud foi verdadeiramente extraordinária, considerando-se o estágio em que se encontrava a psiquiatria em seu tempo. Durante mais de trinta anos, ele manteve um fluxo contínuo de criatividade que culminou em várias e importantes descobertas; qualquer uma delas já seria por si só admirável como produto de uma vida inteira (CAPRA, 1982, p. 169-170).

Vale salientar a grande importância da ousadia, coragem e criatividade nesses momentos de mutação dentro da sociedade. Talvez sejam notórios hoje em dia a relevância e o significado da obra de Freud, mas desconsideramos como foi o seu percurso. Informações interessantes sobre o trabalho desse psicanalista estão reunidas no filme “Freud, além da alma”, dirigido por John Huston e lançado em 1962. Um de seus biógrafos, Peter Gay (1989), no livro “Freud: uma vida para o nosso tempo”, aponta momentos de solidão no início das suas publicações e repúdio pela sociedade de sua época; muitos se mostravam escandalizados com as suas teorias.

O diferente nem sempre causa repúdio ou gera medo nas pessoas. “Em meados dos anos 70, o Vale do Silício havia atraído dezenas de milhares de mentes jovens e brilhantes [...] inclusive Bill Gates, Steve Jobs e Steve Wozniak” (CASTELLS, 2000, p. 102), que fizeram uma grande revolução com as suas ideias ousadas. Biógrafos como Walter Isaacson (2011) proporcionaram ao mundo uma ideia de como é ser Steve Jobs. Com o *slogan* “Pense Diferente”, de uma campanha publicitária, aguçou a curiosidade das pessoas acerca de um produto altamente tecnológico.

O filósofo Michel Foucault (1998), em sua obra “História da sexualidade”, aborda a importância de questionarmos para não legitimarmos apenas o que já sabemos e, mais que isso, para que façamos e pensemos algo diferente do que já fazíamos ou pensávamos.

Existem momentos na vida onde a questão de saber se pode pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê, é indispensável para continuar a olhar ou a refletir. Talvez me digam que esses jogos consigo mesmo têm que permanecer nos bastidores; e que no máximo eles fazem parte desses trabalhos de preparação que desaparecem por si sós a partir do momento em que produzem seus efeitos. Mas o que é filosofar hoje em dia — quero dizer, a atividade filosófica — senão o trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento? Se não consistir em tentar saber de que maneira e até onde seria possível pensar diferentemente em vez de legitimar o que já se sabe? (FOUCAULT, 1998, p. 12).

Certamente as mudanças na sociedade científica e filosófica são invariavelmente dolorosas, trabalhosas e impactantes. Justamente por causa disso,

os(as) precursores(as) precisaram ser tenazes, perspicazes e de vanguarda. E é claro que aprender e ensinar "a pensar diferentemente do que se pensa, e perceber diferentemente do que se vê", como é o trabalho da filosofia para Foucault (1998), não se equipara a criar um produto novo para o mercado; é um exercício primeiro de conhecimento da tradição (história da filosofia). E também de ordenação e valoração de nossas próprias preocupações no presente.

Nas unidades escolares em que tivemos o acesso às tecnologias, será que temos conseguido inovar nas aulas de filosofia? Inovação que significa recuperar sempre o pensamento clássico — afinal, o que pode nos dizer a tradição e como podemos fazê-la falar à nossa época? Nesta monografia também foram analisadas as possibilidades de inovação no processo de ensino e aprendizagem, esta relação cada vez mais próxima entre professor e aluno.

Conseguimos realizar alguns projetos interdisciplinares bem interessantes, como o Diversi9 – uma gincana da diversidade na escola, onde os(as) alunos(as) planejaram atividades onde conseguíssemos falar de forma aberta sobre as diversidades decorrentes em nossa sociedade, o mais comovedor foi perceber o envolvimento intenso dos jovens do terceiro ano – EMI na atividade, intenso comprometimento nas tarefas e julgando com muita imparcialidade, nesta atividade o planejamento inicial foi filosofia e língua portuguesa, mas posteriormente contamos com a participação de toda a equipe da escola e do corpo docente, o Diversi9 foi incrível, uma grande experiência que ficou na minha memória.

Na tarefa das diversidades regionais muita diversão e também nas paródias que falavam sobre a diversidade sexual, assim como a participação dos(as) alunos(as) do ensino fundamental, compondo uma parte importante da gincana, professores(as) auxiliando e muita alegria compartilhada.

## 2.1 INOVAÇÃO NA ESCOLA

Na EEB Adelaide Konder, onde há um curso integral, o Ensino Médio Inovador (EMI), precisávamos sempre trabalhar com projetos e, desde já, esclareço que, para inovar, mais que tecnologia, faziam-se necessárias mudanças nos métodos e práticas, uma nova reflexão e ação para a sala de aula.

Um(a) professor(a) pode trazer algo novo e mesmo assim não estar sendo inovador(a). Isso acontece com frequência, por exemplo, com o uso do *power point* em sala de aula. Utiliza-se a tecnologia, porém, o formato de exposição do conteúdo continua o mesmo, com poucas interações dos(as) alunos(as), o que acaba tornando a aula pouco interessante. Segundo Martha Gabriel (2013), entramos no século XXI ainda com um modelo predominante de professor focado em conteúdo e currículo. Não sem motivos, Silva (2013, p. 142) assevera que “a escola precisa exercer um novo papel em uma realidade radicalmente transformada”.

A escola ainda educa para o trabalho individual, para a solidão das soluções, sem estimular a escuta do outro, e chega, inclusive, a proibir as trocas cognitivas entre os colegas, esquecendo que a aprendizagem avança na discussão e na crítica (SILVA, 2013, p 142).

Mesmo com todas as dificuldades, as tecnologias ganham espaço nas escolas e a proposta tem sido promover a inclusão digital na escola pública para minimizar as diferenças sociais e proporcionar uma educação de qualidade, coerente e consonante com a realidade desta nova era.

Inovar é pensar diferente, como Jobs pensava. Mesmo sem que as tecnologias estivessem criadas, elas já existiam na sua mente. A ideia estava acesa. Para percebermos como ele pensava, vamos voltar no tempo, auxiliados pelo seu biógrafo.

Querem ver algo fantástico? Então pegou um objeto mais ou menos do tamanho de uma agenda de mesa. Quando abriu era um computador que cabia no colo, com um teclado e uma tela que se fechavam no tamanho de um caderno universitário, ou seja, de um notebook. É isso que eu sonho que estaremos fazendo na segunda metade dos anos 80 (ISAACSON, 2011, p. 160).

A grande questão é se conseguimos iniciar o processo de inclusão digital na EEB Adelaide Konder e de que forma estamos trabalhando: se é de forma interdisciplinar ou isolada.

Em minha experiência docente, percebo de forma preponderante que os materiais didáticos, as metodologias, os conhecimentos são propiciados para quem está inserido na sociedade, os que chamamos até bem recentemente de normais.

O processo de ensino e aprendizagem é pensado partindo do pressuposto de que todos são iguais, mas a grande questão é que igualdade na sala de aula não existe. Historicamente, a sociedade tem dividido de forma excludente as pessoas, e

a escola retrata, como um espelho, a desigualdade das diversidades ao longo da história.

Repetidas vezes, as pessoas estabeleceram a ordem em sua sociedade classificando a população em categorias imaginadas, como homens superiores, homens comuns e escravos; brancos e negros; patrícios e plebeus; brâmanes e sudras; ricos e pobres. Essas categorias regulamentaram as relações entre milhões de seres humanos ao tornar algumas pessoas superiores a outras em termos jurídicos, políticos ou sociais (HARARI, 2015, p. 144).

Segundo Harari (2015), esses círculos viciosos podem continuar por séculos e até mesmo milênios; a discriminação tende a piorar com o tempo, e não a melhorar. Para o autor, educação gera educação, ignorância gera ignorância, e os que foram vítimas da história uma vez tendem a ser vitimados novamente. A principal forma de quebrarmos esses ciclos é com a educação. E educação não é conhecimento, nem desenvolvimento de habilidades ou técnicas, a pessoa educada não discrimina, agride ou trata o seu semelhante de forma diferente. É necessário diferenciarmos educação de instrução.

Observo a exclusão em sala de aula e também analiso que, com metodologias bem planejadas, projetos articulados e inteligentemente refletidos, conseguimos trazer à tona e problematizar essas questões.

Reconheço que o Estado de Santa Catarina prevê o(a) segundo(a) professor(a) em sala de aula, além de permitir a presença de jovens com deficiência nas escolas, mas ainda precisamos avançar, para minimizar as diferenças existentes entre os(as) alunos(as).

A escola é um ambiente coletivo por excelência, onde a diversidade aparece e nem sempre é entendida, porque os(as) profissionais da educação não estão preparados(as), por meio de estudos ou leituras acerca do tema. Muitos(as) não compreendem que os(as) adolescentes têm necessidade de se enturmarem, mesmo numa comunidade muito diversificada, e as diferenças logo vêm à tona.

O problema filosófico central da inclusão digital é lançar um novo olhar para o “diferente”, ou seja, a pessoa que apresenta alguma diferença, que pode ser ela física, social, étnica, sexual ou, simplesmente por não conseguir enquadrar-se na célula social escolar. Geralmente são dois processos: primeiro a exclusão e depois a autoexclusão, pois o instinto de autoproteção vai fazer com que o(a) jovem se feche para a comunidade escolar.

É imprescindível pensarmos em nossas atitudes perante uma pessoa com deficiência, como um cadeirante, um autista, ou alguém que não consiga ler um texto em voz alta em função da timidez. Nesse sentido, a cultura digital também pode promover a inclusão desses(as) alunos(as), através de suas mídias, tecnologias e possibilidades, como, por exemplo, a interação num fórum ou blog de alguém tímido demais para falar na sala de aula ou a criação de um *fanzine* virtual bastante criativo, um cartaz digital sobre algum tema de relevância para o contingente escolar. Contudo, ela também pode reforçar a exclusão, caso não seja utilizada de forma objetiva, com planejamento, reflexão, autoavaliação e avaliação.

Hannah Arendt falou com muita propriedade sobre a exclusão, inclusive sobre o que conhecemos como expatriados. Por exemplo, moradores haitianos de Itajaí ou Navegantes, em Santa Catarina, são pessoas que saíram de suas pátrias por uma obrigatoriedade, assim como os refugiados da Síria e os judeus, que precisaram sair da Europa no período da II Guerra Mundial, em função da ameaça nazista, e buscaram, entre tantas cidades, a bela Paris.

Essa Paris por certo ainda não era cosmopolita, mas era profundamente europeia, e assim já desde meados do século anterior se oferecera com uma naturalidade incomparável como um segundo lar a todas as pessoas sem lar. Nem a acentuada xenofobia de seus habitantes, nem os deliberados embaraços postos pela polícia local jamais foram capazes de alterar isso (BENJAMIN, 1987, p. 149).

### 3 PROJETOS INTERDISCIPLINARES

Trabalhar a interdisciplinaridade para a inclusão digital é de fundamental importância. Ampliando o conceito de currículo para *webcurrículo*, termo ainda em construção e que, segundo Maria Elizabeth B. de Almeida e Maria da Graça Moreira da Silva (2011), pode ser construído em conjunto ou por áreas dentro do coletivo escolar, a partir do currículo básico ou da base curricular.

Na escola EEB Adelaide Konder, durante o ano letivo de 2015, os(as) professores(as) desenvolveram muitos projetos. Um deles contemplou uma aula diferente: dançaram na sala de aula uma música bem famosa e divertida e fizeram um vídeo a partir da narrativa de um aluno que não fazia atividade na disciplina de educação física porque era cadeirante.

Importa salientar, neste ponto, a forma como soubemos identificar essa demanda, em 2014, quando, durante o desenvolvimento de um projeto cujo tema foi “2º EMI para uma Navegantes mais limpa”, realizamos uma atividade no refeitório da escola, portanto, fora da sala de aula, entendemos que os espaços escolares devem ser utilizados, em algumas aulas de filosofia promovia caminhadas, lembrando Aristóteles e Sócrates. Estávamos fazendo um debate sobre meio ambiente, sustentabilidade, impactos ambientais e, nessa oportunidade, pudemos escutar a narrativa de um aluno sobre como ele se sentia excluído de algumas atividades propostas.

A partir dessa narrativa, foi como se um portal para outra e nova possibilidade se abrisse. Pude planejar uma aula diferente nessa turma, com as ideias dos(as) alunos(as). Consegui sair do papel e realizar algo inovador e interdisciplinar porque envolvemos a segunda professora deste aluno, recurso possível em escolas

estaduais em SC. As tecnologias foram utilizadas, porém, a ideia e a motivação de fazer algo com real significado para aquele jovem foi maior que o aparato tecnológico.

Esse trabalho foi inclusive utilizado no Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, da Universidade Federal do Paraná (UFPR), numa atividade voltada a discutir a deficiência e favorecer a inclusão no aspecto das relações pessoais, realizada também em 2014 e finalizada em 2016. Ele pode ser acessado pelo *google drive* — (<https://drive.google.com/file/d/0B8BffqQ6BByRQUlhQ21pMXJ3SkU/view?usp=sharing>) — ferramenta que aprendi a utilizar na Especialização em Educação na Cultura Digital da Universidade Federal de Santa Catarina e que é de grande auxílio para divulgar e compartilhar experiências. Pudemos salvar vídeos, fotos, documentos, editar a distância, inclusive muitas atividades em grupo foram construídas dessa forma, os(as) alunos(as) podem pedir a todo o instante arquivos e documentos que conseguimos enviar. A tecnologia é algo fantástico. Em minha especialização me foi aberto um leque enorme com subsídios enriquecedores.

Portanto, continuar pensando nas tecnologias digitais de forma dissociada na nossa sociedade ou propriamente na nossa comunidade escolar é uma maneira superada de refletir a ação docente. Estamos no século XXI e novos cenários apontam para o conhecimento compartilhado, para uma interdisciplinaridade que “exige uma nova pedagogia, a da comunicação” (FAZENDA, 2011, p. 11).

Na segunda atividade avaliativa na disciplina de Ética na Cultura Digital da Especialização que estou concluindo, o tema que abordei foi justamente as novas possibilidades nas aulas, com uma perspectiva segundo a qual os(as) estudantes possam escrever e se tornarem autores(as), participantes das narrativas. A temática, bem atual, incluiu transmídia, metalinguagem, uma comunicação mais dinâmica e de alta interação, além das possibilidades de alunos(as) fazerem questionamentos online pelas mídias sociais, tirarem dúvidas, postarem comentários, dando ideias para novas aulas, em uma interação mais fecunda para tempos interconectados.

Tive também em 2015 a experiência de ensino a distância para uma aluna que estava impossibilitada de frequentar a escola por causa de uma doença. O atendimento foi mediado por uma segunda professora que acompanhou o processo. Foi importante esse outro olhar para tal situação: Afinal, será que a avaliação deveria ser a mesma aplicada em sala de aula, com condições tão diferentes? É

claro que foram necessários ajustes para que o processo tivesse êxito. Essa é uma maneira interessante em que as mídias digitais vão ao encontro da inclusão de estudantes com especificidades.

Nesse caso de doença física, conseguimos, na escola, perceber a avaliação de outro ângulo, mas ainda incorremos em erro quando as misérias são sociais. Em situações nas quais os jovens não conseguem acompanhar ou interessar-se pelos estudos, o que fazemos? Sempre que conseguimos ver as diferenças, tomamos providências, entramos em ação. O maior problema é quando a exclusão acontece de forma velada, por exemplo, por racismo, machismo, femismo. Pessoas despreparadas, deseducadas acabam por enfatizar o preconceito, muitas vezes sem consciência do fato.

Outra possibilidade pensada foi a proposta da Ação Educativa, pela qual é possível realizar na escola uma avaliação para trabalhar com os indicadores da qualidade da educação (AÇÃO EDUCATIVA; UNICEF; PNUD; INEP-MEC, 2013). Assisti a um encontro pedagógico onde foi-nos apresentado essa ideia de promover uma análise antes de planejarmos as atividades e projetos.

Essa iniciativa é fundamental, pois cada escola vive dentro de um contingente, para focar os projetos e ações dentro dessa perspectiva. Mesmo sem aplicar esta proposta em toda a escola, consegui, em 2016, já em outra unidade escolar, na EEB Francisco de Paula Seara, no município de Itajaí, perceber, também a partir dessa ação, o que os(as) alunos(as) estavam precisando, qual o tipo de incentivo para gostarem de ficar na escola, aprenderem a cuidar e se tornarem cidadãos mais responsáveis. E então foi criado o projeto “Como podemos melhorar a escola”, por meio do qual os grupos começaram a trabalhar de forma comunitária e solidária no intuito de melhorarmos o espaço da comunidade escolar, portanto, nosso também.

Como o projeto parte do pressuposto de que é importante cuidar do que é público, movimentamos até agora uma significativa quantidade de alunos(as) na construção de um ambiente mais aprazível para todos(as) estudarem.

Conseguí perceber, no entanto, que somente na disciplina de filosofia, sem o apoio da administração escolar e dos(as) colegas docentes é muito difícil.

A escola precisa acompanhar esse ritmo do(a) estudante, as necessidades e demandas que são importantes para os(as) alunos(as), porque sabemos que cada realidade pede um tipo de atividade, mais condizente com os aspectos da vida cotidiana escolar e para além da escola.

Ao realizar a paródia sobre o tema cyberbullying foi possível estudar conceitos de moral e ética partindo de acontecimentos do cotidiano dos(as) alunos(as). Ao inserir músicas nas aulas, temas da atualidade, aí temos o *webcurrículo* em ação.

É importante trazeremos a problematização de certos aspectos da educação. Um aluno criticou o modelo educacional do Brasil justamente porque forçamos os(as) jovens a estudar disciplinas com as quais eles(elas) não têm afinidades, em detrimento das carreiras escolhidas. A educação do ser humano integral ainda é mais importante, principalmente se levarmos em conta a sociedade digital que delega aos aparelhos e às tecnologias a educação de nossas crianças. “Viver é o ofício que quero ensinar-lhe. Saindo de minhas mãos, ele não será, concordo, nem magistrado, nem soldado, nem padre, será primeiramente um homem” (ROUSSEAU, 1973, p. 15).

### 3.1 TECNOLOGIAS E SEU USO EM SALA DE AULA

A escola recebe, a cada ano, alunos(as) com as mais diversas particularidades. O celular é um ponto em comum e com ele vem o desafio do(a) professor(a) em mantê-los(as) distante do aparelho e focados(as) nos estudos em sala de aula. Considera-se que o celular pode comprometer o processo de ensino e aprendizagem dos(as) alunos(as), salvo se seu uso for planejado pedagogicamente em momentos pontuais, de acordo com o planejamento de cada professor(a) ou grupo escolar.

Muitos(as) alunos(as) da escola pública vão para a aula, mas não se sentem atraídos pelo estudo, ainda mais quando estudam no período noturno. O(A) professor(a), imbuído(a) em realizar um trabalho significativo para esses(as) alunos(as), terá que analisar quais as suas reais necessidades. É necessário a flexibilidade no currículo e que possamos nos permitir inovações, trazendo temas de interesse para esse público. Não se trata necessariamente de uma reforma curricular; apenas a implantação de um currículo mais flexível, enfim, a inserção do *webcurrículo*. O(A) professor(a) vai trabalhando e inserindo as propostas pedagógicas e vai sentindo a aceitação, flexibilizando, se possível, os temas a serem abordados em sala de aula. Falar a mesma linguagem da juventude, procurando nos aproximar das suas reais necessidades.

Imprescindível uma estrutura bem projetada para garantir que as regras sejam cumpridas, uma estrutura familiar que propicie condições para uma maior cobrança do processo de ensino e aprendizagem, além da oportunidade de viajar, conhecer museus, conversar com profissionais liberais, ampliar o conhecimento através desta parceria – escola e sociedade civil.

#### **4 ESCOLAS PÚBLICAS E PRIVADAS**

Nas escolas, os(as) alunos(as) que apresentam problemas de falta de interesse para aprender geralmente estão passando por processos difíceis e bem variados. Falta em Santa Catarina um trabalho focado, com o auxílio de psicólogos e assistentes sociais, para que possamos auxiliar, na medida do possível, esses(as) jovens num momento delicado de suas vidas, encarando desafios que deveriam ter um suporte da sociedade civil.

Essa prática, que percebo em minha rotina escolar, é abordada pela educadora Esther Grossi que, numa entrevista ao jornal Zero Hora, responde à pergunta: Como a senhora avalia a educação no Brasil atualmente?

Péssima. A causa fundamental das dificuldades é um apartheid: escolas particulares tem um tranco, as públicas, outro. Nas escolas particulares, os professores não faltam. Se faltam, são postos para fora. Na escola pública, os professores faltam que é uma coisa incrível. A escola realmente não é o lugar de uma comunidade comprometida com aqueles alunos. E é um equívoco achar que a gente ensina explicando, que ensinar é dar matéria e depois dar uma nota. Aprender é um processo que cada um vive individualmente e, para o professor, ensinar é ir ao encontro desse processo. No Brasil, há 50 milhões de analfabetos que estiveram na escola. Anos atrás, havia falta de escolas. Agora, não: todo mundo pode ir (GROSSI apud PORCIUNCULA, 2016).

Quero aqui tirar um pouco o peso dessa responsabilidade do colo dos(as) professores(as). Em pesquisas recentes, especialistas têm demonstrado o quanto

essa classe trabalhadora tem sido desvalorizada e os resultados aparecem com muita frequência na atividade dentro de sala de aula.

Na atividade docente, as responsabilidades estão muito centralizadas no(a) profissional de sala de aula e o coletivo da escola exerce um papel fiscalizador, como se fossem apenas analistas e não regentes da orquestra.

Uma escola é um coletivo e precisa ser bem gerenciada para funcionar a contento. As reuniões pedagógicas, pelo menos aquelas das quais eu tenho participado desde 2014, têm o principal objetivo de cobrar normas e o cumprimento de atividades mais burocráticas do que pedagógicas.

O fato de termos agora um sistema informatizado para lançamento de notas faz com que professores(as) trabalhem mais em casa, muitas vezes em feriados ou finais de semana. Isso porque uma das escolas onde trabalho não possui internet nem computador em sala de aula e, portanto, há mais uma tarefa burocrática para desempenharmos em casa.

Mais trabalho em horários que deveriam ser destinados ao lazer significa, em longo prazo, estresse ou descontentamento com a atividade no trabalho, como aponta uma pesquisa realizada pelo Instituto Superior de Psicologia Aplicada (Ispa) com 800 docentes.

Em destaque estão os elevados níveis de "burnout" – estado de esgotamento físico e mental provocado pela vida profissional [...] Outro rastreio, feito no âmbito da iniciativa "Defende a Tua Voz", promovida pelo Sindicato dos Professores da Zona Norte, revelou que a prevalência de perturbação vocal profissional ronda os 37% nos professores inquiridos. O mesmo inquérito descobriu que a esmagadora maioria dos professores e educadores (85% dos 325 inquiridos) nunca teve acesso a treino vocal, o que ajuda a explicar a prevalência de problemas de voz entre os professores (ESQUERDA.NET, 2016).

Em meu trabalho observei que a principal diferença entre as escolas públicas e privadas são em função das tecnologias disponíveis, mesmo as escolas federais, os atuais institutos de tecnologia, como o IFSC – Instituto Federal de Santa Catarina, aqui no Câmpus Itajaí, a internet em sala de aula é lenta e costuma desconectar, em três escolas particulares que conheci, nas salas de aula a internet é rápida e atende as necessidades dos(as) professores(as).

Martha Gabriel também aponta para essa diferença em seu livro “Educ@r: a (r)evolução digital na educação”:

Se analisarmos a situação tecnológica atual das entidades de ensino brasileiras, temos diversos tipos de defasagens entre instituições de ensino públicas e privadas, além de também estarmos em estágios diferentes se nos compararmos a países estrangeiros. Nos Estados Unidos, várias universidades entregam aos alunos ingressantes um tablete com seu calendário e todas as informações sobre seu curso (GABRIEL, 2013, p. 12).

O maior abismo aparece no exemplo da utilização da internet e de tablets em sala de aula em uma escola particular, enquanto em outra escola pública alguns estudantes ainda não sabem usar o computador. Além das tecnologias o tempo livre tem se mostrado um vilão para jovens que trabalham desde o 5º ano, ou até antes.

#### 4.1 TEMPO

Desde 2015 trabalho em esferas públicas e privadas. Tenho constatado as diferenças em relação ao tempo livre que o estudante tem para dedicar ao seu ócio criativo, ou simplesmente para atividades propostas como, por exemplo, de metalinguagem utilizando redes sociais.

E quanto à inclusão digital, Edilson Cazeloto (2008) questiona: será que é a mesma coisa que inclusão social? É importante, segundo ele, a visão crítica em função da nova forma global de soberania, do que a sociedade dominante quer que pensemos ou até mesmo consumimos.

Na escola privada os(as) alunos(as) estão totalmente conectados na internet e por isso conseguem participar de atividades, escrevendo seus comentários, ao passo que a grande maioria dos(as) alunos(as) de escola pública trabalham no contraturno escolar, o que inviabiliza essa prática em função das outras atividades desempenhadas.

Com relação à atividade de metalinguagem e transmídia, ficou clara a diferença, demarcando um limite territorial, uma fronteira bem definida, evidenciando uma grande barreira invisível, da desigualdade social.

No ano letivo de 2016 pude constatar esse fato em números. Em uma turma de escola particular tivemos um total de 34 comentários e 40 visualizações do *prezi* postado no grupo de *facebook* da turma, sobre o tema Filosofia e Direito. Já na escola pública constatamos apenas sete comentários e 17 visualizações. Fazendo o parâmetro em todas as turmas e conversando com os(as) alunos(as), percebemos que o grande problema é o tempo.

Associada a esse problema surge a demanda de políticas públicas. Esse tema foi abordado por Marco Brandão e Helena Pereira da Silva (2004) em seu texto “Inclusão digital, conceito e contexto”. Sem o incentivo governamental, os(as) jovens considerados(as) minorias sociais estão um passo atrás.

Logicamente que nas escolas particulares e públicas é preciso lidar com o vício cibernético. Carl Jung, citado por Martha Gabriel (2013, p. 169), já falava que “toda forma de vício é ruim, não importa que o narcótico seja álcool, a morfina ou o idealismo”.

Estudantes que driblam as regras e ficam jogando nas redes sociais ou conversando no *WhatsApp* durante as aulas são parte do cotidiano escolar e ouvimos relatos de professores(as) que fingem não perceber essa situação. Essa inclusão digital fora da escola pode comprometer a inclusão comunitária do ensino e do aprendizado dentro da escola; por isso a importância das aulas serem focadas e bem planejadas. Nós professores(as) queremos incluir os(as) alunos(as) nas áreas do saber, compartilhar conhecimentos, mas em alguns casos existe uma grande alienação por parte dos jovens, ficam nos seus celulares enquanto poderiam estudar e vivenciar outros sonhos.

Percebendo as informações acerca dos telespectadores de televisão, jogos eletrônicos e computador, trago a contribuição do artigo de Valdemar W. Setzer, que fala sobre esta questão: “O estado de sonolência do telespectador é muito conhecido entre os diretores de imagem. [...] se uma imagem ficasse parada, todos adormeceriam (SETZER, 2001). Os jovens que recebemos nas escolas se comportam como telespectadores.

Nesse cenário, precisamos organizar aulas mais dinâmicas e tecnológicas, considerando que os(as) alunos(as) dessa nova geração, nascidos a partir de 1990, são mais rápidos. Além disso, processos seletivos, como o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), estão exigindo uma maior articulação entre saberes e conhecimentos. Os(as) alunos(as) precisam estar aptos(as) a demonstrar suas habilidades e competências. Como nos fala Nicholas Negroponte (1995), em seu livro “A vida digital”, a nova lógica de pensamento que se apresenta requer que a educação se volte mais para a valorização das diferenças, da criatividade e do desenvolvimento da autonomia.

## 4.2 OUTRO OLHAR

Na experiência da aula com música em que os(as) alunos(as) deveriam dançar, pude observar que alguns(mas) jovens não conseguiram vencer a timidez, problema que pode atrapalhar a vida profissional e amorosa deles(as). Isso porque, de certa forma, precisamos nos mostrar ao mundo, dizer o que pensamos, sem medo de sermos excluídos. Essas pessoas, assim como nós, querem ser ouvidas, admiradas. Hanna Arendt, em sua obra “Da revolução”, aborda esse assunto e transcreve as seguintes palavras de John Adams:

Onde quer que se encontrem homens, mulheres ou crianças, quer sejam jovens ou idosos, ricos ou pobres, da elite ou da plebe, sábios ou tolos, ignorantes ou letrados, todos são movidos pelo desejo de serem vistos, ouvidos, comentados, aprovados e respeitados pelas pessoas que os rodeiam, no âmbito de seu conhecimento (ADAMS apud ARENDT, 1988, p. 95).

Outra característica peculiar em relação a essa prática foi que alguns(umas) alunos(as) tiveram a intenção de boicotar a atividade, alterando a música, tentando fazer com que a música parasse. Pudemos perceber que as nossas deficiências nem sempre são aparentes; em determinados momentos elas não estão visíveis, mais ou menos como aquela velha analogia do iceberg.

As tecnologias digitais proporcionam muitas possibilidades. Precisamente quando vivemos um momento de grandes desafios, é urgente percebermos que, se existe um abismo entre o(a) professor(a) e seu(sua) aluno(a), é necessário que consigamos agir e entrar no ineditismo, pensar e fazer diferente.

Numa pequena tentativa, quanta coisa pudemos perceber, o material que podemos estudar para enriquecer a nossa experiência, num processo incessante de crescimento.

O ponto-chave da questão é que conseguimos perceber a invisibilidade de um aluno cadeirante, além de percebermos como ele se sentia quando jogava videogame ou estava fazendo alguma atividade no computador. Quando foi feito o blog da turma, esse aluno ficou responsável pela moderação, realização e atualizações tanto do blog quanto do grupo de *facebook*, criando uma comunidade chamada “2º EMI para uma Navegantes mais limpa”. Naquele momento ficou evidente a satisfação do estudante por participar ativamente da atividade proposta em sala de aula, exercendo o papel principal.

Da perspectiva do deficiente físico, as tecnologias presentes em 2016 fazem muita diferença em comparação aos anos anteriores. Na frente de um computador, uma pessoa com deficiência física pode interagir com o meio social de forma igualitária.

Na sala de aula, cabe ao(a) professor(a) perceber esses invisíveis (diferentes em cada unidade escolar) da nossa sociedade, trazendo as tecnologias e inserindo-as de forma pedagógica, planejando criteriosamente e adequando-as em suas práticas. Em nossa experiência com os(as) alunos(as) do EMI, conseguimos realizar muitas atividades que atingiram esse objetivo.

Ao nos libertarmos do medo que está em nossas veias, certamente seremos mais ousados e teremos mais liberdade para sermos nós mesmos, na tentativa, longe de ser perfeito, de acertar. Percebemos que cada ser humano tem as suas limitações, sonhos e ideias. Precisamos resgatar essa vontade de crescer e ser mais.

O instinto de rebanho, em segundo lugar, — uma potência que agora se tornou soberana —, é algo fundamentalmente diferente de uma sociedade aristocrática: e tudo depende do valor das unidades que a soma tem para significar... Nossa inteira sociologia não conhece nenhum outro instinto senão o de rebanho, isto é, dos zeros somados —, onde cada zero tem “direitos iguais”, onde é virtuoso ser zero (NIETZSCHE, 1999, p. 432).

A crítica de Nietzsche ao instinto de rebanho pode ser considerada contemporânea, numa sociedade globalizada, capitalista e extremamente voltada ao consumo, onde as indústrias exercem um poder midiático intenso para que façamos as mesmas coisas, num comportamento muitas vezes alienado.

Cada vez mais é importante olhar para dentro de nós e perguntar realmente quem somos. Além disso, é importante refletir se, daqui a dez anos, será que ao olhar para trás, estaremos felizes com relação ao que estamos produzindo, pensando ou gerando em 2016? Essa vontade de ser ou estar no mundo deve ser questionada também em sala de aula.

Cada palavra que utilizamos, em cada segundo de nossas vidas, pode ter um significado diferente com relação a quem está ouvindo. Ao agirmos, estamos impactando o nosso meio.

Ao olhar o aluno cadeirante de uma forma proativa, pensando nas possibilidades midiáticas e proporcionando um espaço dentro da escola para que a atividade interdisciplinar ocorresse, estávamos formando um ser humano mais rico ou enriquecido nesse processo de saberes.

Senti a necessidade de promover esta possibilidade nas nossas aulas, para que este aluno se sentisse melhor, com uma autoestima mais elevada, logo me ocorreu que as tecnologias eram uma forma de promovermos a inclusão.

Quando fizemos uma reunião e ficou decidido que o aluno seria o moderador do blog, todo o seu empenho em trabalhar nos espaços extraclasse, em casa ou finais de semana para o desenvolvimento das mídias, foi reconhecido pelos(as) colegas de classe que passaram também a olhar de forma muito mais positiva. Elogios ocorreram nas narrativas abordando a grande importância do trabalho desenvolvido.

Intimamente, esses pequenos passos podem transformar as vivências escolares, trazendo mais prazer para os momentos em que compartilharmos os nossos conhecimentos.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao final deste trabalho, iniciado em 2014, fico muito feliz com as experiências vividas e as possibilidades alçadas num panorama escolar.

Ainda em junho de 2016, tive a honra de ser convidada para madrinha de formatura da turma de terceiro ano do Ensino Médio Inovador da EEB Adelaide Konder, mesmo não estando mais na escola. Sinto que minhas aulas ficaram na memória dos(as) alunos(as).

Sem a proposta deste trabalho, desenvolvido ao longo do curso de minha especialização, não teria tido o incentivo para fazer algo diferente. A oportunidade de aprender é fundamental para quem está ensinando. Com toda a certeza, a minha trajetória foi profundamente modificada. Permiti essas experiências, aprendi com elas.

Em relação aos fóruns, como o que foi criado em novembro de 2014, em parceria com o nosso amigo e colega de curso Waldyr Carneiro de Campos – Fórum

da Consciência Negra (FONSECA; CAMPOS, 2014), foi muito gratificante sentarmos na sala de informática e planejarmos a forma de realização da atividade. Na época, tivemos 52 comentários e até mesmo a representante do Movimento Negro de Itajaí, administradora da Gerência Regional de Educação, Isabel Cristina Cardoso Belizario, participou, deixando o seu comentário em nosso blog. Foi um sucesso a atividade que mobilizou toda a escola e duas professoras narraram em vídeos (disponíveis no blog) as suas experiências em relação ao tema proposto.

Saliento o desenvolvimento do blog “InfoKonder”, em 2015, pelo aluno do EMI, Jorge do Nascimento Junior (2015), e uma atividade proposta, ainda na disciplina Plano de Ação Coletivo (Plac3), quando tivemos uma aula interdisciplinar sobre o tema “Ciência e religião”. Nessa atividade foram contempladas as disciplinas de filosofia, física, química e sociologia. Foi muito prazeroso, lúdico e informativo, além de um sucesso total: tivemos 37 comentários postados e dois vídeos produzidos na sala de aula, com alunos(as) autores(as) em uma trajetória de crescimento, *transmídia* e *webcurrículo* em ação.

Dentre as várias atividades e experiências, resolvi elencar essas duas para que se possa perceber a grande importância de trabalharmos sempre no coletivo, interagindo e aproveitando as mídias para trocarmos e compartilharmos o que sabemos.

Não faz o menor sentido quando uma boa atividade é desenvolvida se ela não é mostrada e compartilhada com outras pessoas, assim como os pintores judeus expatriados que, ao chegarem a Paris no início do século XX, adoraram a capital francesa pela possibilidade de pintarem e exporem seus trabalhos, como aponta Dan Franck (2004) em seu livro “Boêmios”.

Dessa forma, é preponderante e necessário conectar-se, compartilhar, mostrar o que fazemos, seja com fotos, cartazes digitais, fóruns, *prezis*, falando para as outras pessoas o que estamos fazendo, trabalhando com vontade e afinco para significar algo para nós e nossos(as) alunos(as), pelo menos.

Resumidamente, o personagem V, do filme “V de Vingança” (2005), diz algo sobre o costumeiro método de fazermos as mesmas tarefas rotineiras e culparmos os outros pelo marasmo e a monotonia de nosso cotidiano:

Se vocês procuram por um culpado, basta olhar no espelho. Com essa frase, o personagem “V” mostra para o povo quem é o verdadeiro responsável pela manutenção da ditadura em seu país. Ideia de liberdade e responsabilidade que Sartre aprovaria (BRAGA, 2015, p. 158).

A partir de um período histórico, especificamente o século XIX, a humanidade precisou perceber que a responsabilidade é também da sociedade civil, não apenas do Estado. É comum e corriqueiro culparmos os outros. E a nossa parte? Quantas vezes escutamos professores(as) falarem mal do sistema. Acontece que formamos o sistema, cada gesto, atitude ou ausência destes.

Na atividade docente é preciso aprender com os erros e seguir em frente, fazendo com que a nossa prática em sala de aula esteja mais conectada com a realidade que temos fora da aula, tornando mais atrativo o espaço de conhecimento. Recordamos um filme infantil argentino, dirigido e produzido pelo gênio dos desenhos animados, Manuel García Ferrè, “Manuelita” (1999), e na fala do personagem Larguirucho: “a escola é o templo do saber”, visualizamos a possibilidade de tornar esse espaço realmente significativo.

As tecnologias abrem este cabedal de novas possibilidades e, engajados na vontade de tornar a escola um lugar melhor, poderemos sensibilizar os(as) nossos(as) alunos(as) na construção desse espaço.

Com os problemas que enfrentamos atualmente, necessitamos revisitar as filosofias humanistas, como as de Sartre (1987) e de Erich Fromm (2006), e voltar os holofotes para nós mesmos, pois somos os agentes transformadores em ação, estamos em sala de aula.

Uma ideia é rir e brincar mais, ser mais quem somos dentro de sala de aula e parar de vestir máscaras e personagens, arquétipos que trazemos do passado. Não importa o que houve ontem; vamos transformar nosso futuro. Se nossa escola não tem internet, vamos pintar em cartazes, fazendo uma atividade que possa ser compartilhada no *facebook* com outras escolas e pessoas, como, por exemplo, uma Guernica da Paz – atividade interdisciplinar arte e filosofia (FONSECA, 2016), compartilhando informações com a comunidade escolar e além dela.

Sem esse grupo de pessoas construindo um coletivo e transformando os espaços, com certeza muitos ainda estariam fadados ao comodismo. Não podemos esquecer que há muitas possibilidades para fazermos a diferença no cotidiano de nossos(as) alunos(as). Afinal, nossas ações e intervenções estimulam, modificam e muitas vezes alteram o futuro de uma geração.

Sair do comodismo e conviver mais com as diversidades e com as nossas realidades são grandes desafios no sentido de respeitarmos cada vez mais os direitos humanos a partir de agora.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AÇÃO EDUCATIVA, UNICEF, PNUD, INEP-MEC (coord.). **Indicadores da qualidade na educação**. 4. ed. São Paulo: Ação Educativa, 2013.

ALMEIDA, Maria Elizabeth B. de; SILVA, Maria da Graça Moreira da. **Currículo, tecnologia e cultura digital: espaços e tempos de web currículo** [2011]. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/5676>>. Acesso em: 1 abr. 2016.

ARENDT, Hannah. **Da revolução**. São Paulo: Ática, 1988.

BENJAMIN, Walter. Os tempos sombrios. In: ARENDT, Hannah. **Homens em tempos sombrios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p. 149-149.

BRAGA, Romulo Vitor. **Filo – Pré-vestibular Filosofia**. São José dos Campos: Poliedro, 2015.

BRANDÃO, Marco; SILVA, Helena Pereira da. Inclusão digital, conceito e contexto: uma abordagem preliminar em Salvador-Ba. In: JAMBEIRO, Othon; STRAUBHAAR,

- Joseph (org.). **Informação e comunicação**: o local e o global em Austin e Salvador. Salvador: Edufba, 2004. p. 323-348.
- CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação**: a ciência, a sociedade e a cultura emergente. São Paulo: Cultrix, 1982.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- CAZELOTO, Edilson. **Inclusão digital**: uma visão crítica. São Paulo: Senac, 2008.
- ESQUERDA.NET. **Em cada três professores, um está à beira do esgotamento e outro a perder a voz** [2015]. Disponível em: <<http://www.esquerda.net/artigo/em-cada-tres-professores-um-esta-beira-do-esgotamento-e-outro-perder-voz/36990>>. Acesso em: 05 jun. 2016.
- FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro**: efetividade ou ideologia. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2011.
- FONSECA, Angela Santos da. **Guernica da Paz Interdisciplinar Arte e Filosofia - Terceirão**. [2016]. Disponível em: <[http://prezi.com/l6asirakh9a/?utm\\_campaign=share&utm\\_medium=copy&rc=ex0share](http://prezi.com/l6asirakh9a/?utm_campaign=share&utm_medium=copy&rc=ex0share)>. Acesso em: 26 jun. 2016.
- FONSECA, Angela Santos da; CAMPOS, Waldyr Carneiro de. **Fórum Consciência Negra** [2014]. Disponível em: <<http://akculturadigital.blogspot.com.br/2014/11/forum-consciencia-negra.html>>. Acesso em: 26 jun. 2016.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 2**: o uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1998.
- FRANCK, Dan. **Boêmios**. São Paulo: Planeta, 2004.
- FROMM, Erich. **A arte de amar**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- GABRIEL, Martha. **Educ@r**: a (r)evolução digital na educação. São Paulo: Saraiva, 2013.
- GAY, Peter. **Freud**: uma vida para o nosso tempo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- HARARI, Yuval Noah. **Sapiens**: uma breve história da humanidade. Porto Alegre: L&PM Editores, 2015.
- ISAACSON, Walter. **Steve Jobs**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- MANUELITA. Buenos Aires: García Ferré Entertainment, 1999. P&B.
- MORE: Mecanismo online para referências, versão 2.0. Florianópolis: UFSC Rexlab, 2013.
- NASCIMENTO JUNIOR, Jorge. **O que a ciência e a religião representam para você?** [2015]. Disponível em: <<http://ikonder.blogspot.com.br/p/cultura.html>>. Acesso em: 26 jun. 2016.

NEGROPONTE, Nicholas. **A vida digital**. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

NIETZSCHE, Friedrich. **Obras incompletas**. São Paulo: Nova Cultural, 1999.

PORCIUNCULA, Bruna. **Esther Grossi: "Há 50 milhões de analfabetos que estiveram na escola no Brasil"**. ZH Educação, 22 abr. 2016. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/educacao/noticia/2016/04/esther-grossi-ha-50-milhoes-de-analfabetos-que-estiveram-na-escola-no-brasil-5783795.html#>> Acesso em: 22 abr. 2016.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da educação**. 2. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1973.

SANTOMÉ, Jurjo. **Globalização e interdisciplinaridade**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

SARTRE, Jean-Paul. **O existencialismo é um humanismo**. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

SETZER, Valdemar W. **Os meios eletrônicos e a educação**: televisão, jogo eletrônico e computador [2001]. Disponível em: <<https://www.ime.usp.br/~vwsetzer/meios-eletr.html>>. Acesso em: 22 abr. 2016.

SILVA, Patrícia Konder Lins e. A escola na era digital. In: ABREU, Cristiano; EISENSTEIN, Evelyn; ESTEFENON, Susana (org.). **Vivendo esse mundo digital**: impactos na saúde, na educação e nos comportamentos sociais. Porto Alegre: Artmed, 2013. p. 137-145.